A **nudez** da verdade

Meca do cinema documental autoral, o IDFA, na Holanda, abre espaço para o Brasil ao levar 'Morro Grande', 'Sobre Memória e Esquecimento' e 'Hanabi' à consagração mundial

Divulgação



Com 'Morro Grande', Isabel Joffily e Rita Toledo abre telas estrangeiras para a produção documental do Brasil

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Criado em 1988 com base no projeto ético de "ser uma plataforma para vozes que não são ouvidas", o International Documentary Film Festival Amsterdam, respeitado há quase quatro décadas apenas sob o nome IDFA, avança em sua vocação de servir como megafone para as urgências do mundo em sua (fervente) edição de número 39, aberta no último dia 12, que hoje avança pelo Brasil. Nesta terça, Amsterdã, canteiro da Holanda que serve de lar ao evento, vai receber "Morro Grande", dirigido por Isabel Joffily e Rita Toledo, na Competição Internacional. É raríssimo ver uma produção Brasil nessa raia, onde 15 anos atrás, Eduardo Coutinho (1933-2014) se fez aclamar com "As Canções" (2011). É um consenso da crítica tratar o IDFA como a Meca do cinema documental no mundo, o que eleva o cacife autoral das realizadoras do longa.

Filmado entre 2022 e 2026 e produzido pela Coevos Filmes em coprodução com a Basalt Films (Holanda), Eline van Wees, Canal Brasil e RioFilme, "Morro Grande" retrata o abismo social que assola o país a partir da rotina de agricultores do interior do Rio de Janeiro, e joga luz sobre o colonialismo químico. Na prática, países do Norte Global proíbem o uso de agrotóxicos dentro de suas fronteiras, mas os produzem e os exportam para países do Sul Global.

"Morro Grande" acompanha a jornada de Rodolpho, um escritor nascido em uma comunidade rural brasileira cercada por plantações de chuchu pulverizadas com agrotóxicos. Após a morte de seu amigo Vaguinho, um jovem e talentoso agricultor que se destacou como líder de um movimento punk rural nos anos 2000 com a banda Formigas de Fogo, Rodolpho decide reconstituir a vida e a morte do companheiro de juventude - que se suicidou tomando pesticida em uma garrafa de Coca-Cola. Ao entrelaçar a trajetória de Vaguinho com outras histórias locais, o longa expõe uma visão alarmante sobre a rotina dos trabalhadores de Morro Grande, que vivem no limite da morte, ao mesmo tempo em que destaca a força e a permanência da resistência comunitária.

Noutro canto do IDFA, na seção Memória e Esquecimento, "Sobre Memória E Esquecimento", de Ricardo Martensen, leva SP à telas holandesas. Sob a terra de um cemitério paulista, os mortos sem nome insistem em permanecer. Uma vala comum criada nos anos 1970, o silêncio que ainda envolve um massacre policial ocorrido nos anos 2000 e um laboratório forense ameaçado de fechamento revelam um país onde o esquecimento faz parte da paisagem. Em meio a esse projeto de apagamento, três mulheres desafiam o silêncio em busca da memória, da verdade e da justiça. Tem projeção desse longa esta manhã.

Fundado como sucessor do Festikon, um festival de cinema educativo criado pelo Instituto de Cinema da Holanda em 1961 e encerrado em 1987, em razão da falta de interesse do público, o IDFA sabe se fazer pop em suas escolhas autorais, priorizando narrativas inflamáveis, de forte impacto sociocultural. No diálogo com o Brasil, este ano, a maratona de realidades exibirá ainda "Flor De Fogo" ("Hanabi"), de Ana Vaz, agendado para sábado. Rodado no Japão, a produção com DNA do DF observa um país submetido a uma ameaça mortal, sob o trauma de um terremoto e as instabilidades oriundas a uma catástrofe nuclear. Atravessando uma série de testemunhos e experiências, há um livro diário, "Journal of a Radioactive Brain", da escritora Yoko Hasuke. Suas páginas nasceram na esteira do tsunami e do desastre atômico que se seguiu ao terremoto de Tohoku. Dele nasceu este poema visual, que foi sensação no Festival de Locarno, na Suíça, em agosto.

Também no sábado, na véspera de fechar suas atividades, o IDFA se rende ao fenômeno de bilheteria "Tudo Pode Ser Visto" ("You Can See Everything"), produção de US$ 7 milhões que fechou a Mostra de São Paulo, em outubro, e, já faturou US$ 90 milhões. No longa, dirigido por Nathan Fielder e Lance Oppenheim, a equipe de filmagem acompanha Elizabeth Holmes, fundadora da Theranos, empresa de tecnologia da saúde que se tornou protagonista de um dos maiores escândalos de fraude do Vale do Silício. Após ser condenada, Holmes convida a equipe cética de Fielder e Oppenheim para registrar seus passos nos 34 dias que antecedem sua prisão. O que sai das filmagens expõe sua alma. Por isso está no IDFA.

Divulgação



'Sobre Memória e Esquecimento' busca os aplausos da sessão Frontlight do IDFA

Divulgação



'Flor de Fogo', mais conhecido como 'Hanabi', veio de Locarno, passou no Rio e agora brilha nos Países Baixos

LONGAS EM COMPETIÇÃO NO IDFA 2026

- **"Bardi",** de Tala Hadid (Marrocos);
- **"Crack in the Head, Crack in the Sky",** de Mehran Tamadon (França);
- **"Down the River",** de Ruslan Fedotov (Alemanha);
- **"Hazara Town",** de Khadim Dai (Bélgica, Austrália e Alemanha);
- **"Here Where the Fire Burns",** de Juan Manuel Sepúlveda (México);
- **"An Incomplete Day in the History of Georgia 10.06.93",** de Salomé Jashi (Geórgia);
- **"Lonan Tché",** de Joël Richmond Mathieu Akafou (França, Itália, Costa do Marfim e Senegal);
- **"Mangabangabaka",** de Michaël Andrianaly (França, Madagascar e Burkina Faso);
- **"Morro Grande",** de Isabel Joffily e Rita Toledo (Brasil e Países Baixos);
- **"Still Night, Burning House",** de Carol Nguyen (Canadá);
- **"White Tiger Column",** de Robert Mentov, Dwight Jantzi e Bryan Dickie (Canadá);
- **"Women and War",** de Elwira Niewiera (Alemanha, Polónia e Ucrânia);
- **"The Year of the Ghost",** de Louis Hothothot (Países Baixos e China).